

A REGENERAÇÃO

Fundadores: Drs. José Martinho Simões, Manuel Simões Barreiros e Prof. João António Semeão

AVENÇA

Propriedade de: dr. Alberto Teixeira Forte

Composto e impresso na Tipografia Figueiroense

Director: Dr. Domingos Duarte
Editor: Dr. Alberto Teixeira Forte

Redacção e Administração — Rua Major Nentel de Abreu

Figueiró dos Vinhos

Lição de Significado Mundial

Mário Mendes

INSTANTÂNEO

Como já foi noticiado, nestas colunas encontra-se no lugar de Relvas, freguesia de Chão de Conce, sua terra natal, o nosso assinante, na Rodhésia, sr. Mário Mendes.

Este nosso prezado amigo, que tenciona permanecer em Portugal até Janeiro próximo, deu-nos, no passado dia 27 o prazer da sua visita, apresentou-nos nesta Redacção os seus amáveis cumprimentos, o que muito sinceramente agradecemos, ao mesmo tempo que lhe desejamos uma estadia muito feliz, entre nós.

O sr. Mário Mendes, durante esta sua passagem por esta vila, visitou as Instalações da Casa de Beneficência, cuja acção em favor dos necessitados muito admira, e já há tempo conhece através deste Jornal. Por isso teve a generosidade de nos entregar com destino à referida Instituição o valioso donativo da quantia de cem escudos, que em nome daquela muito sinceramente agradecemos.

Dr. A. Teixeira Forte

Em gozo de férias deslocou-se para as termas de Monte Real o proprietário deste jornal, sr. dr. Alberto Teixeira Forte, devendo regressar a esta vila para recommençar a sua vida profissional no dia 15 do corrente.

Prof. João Alves Caldeira

No dia 19 do passado mês, partiu para as termas de Monte Real, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa sr.^a D. Puzera de Jesus Marques Queiroz Caldeira, o nosso querido amigo Prof. João Alves Caldeira, onde ambos permanecerão em tratamento de águas até 7 do corrente.

Findo este período, seguirão para a capital, como de costume, a passar o mês de Setembro.

Desejamos ao nosso querido amigo e a sua Ex.^{ma} Esposa umas férias muito agradáveis e uma estadia proveitosa nas termas.

Artur Martinho Simões

Depois de ter passado umas bem merecidas férias nos Trespósitos sua terra natal, partiu para Lisboa onde vai retomar as suas funções de Chefe de Repartição da Direcção Geral da Administração Política e Civil o nosso ilustre amigo sr. Artur Martinho Simões, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Alfredo R. Amado

Com elevada classificação concluiu o 3.º ano de Teologia no Seminário de Coimbra o distinto estudante sr. Alfredo Rodrigues Amado, do lugar do Cabecinho, freguesia, de Chão de Couce.

A *Regeneração* apresenta-lhe sinceros parabéns.

No passado dia 17 de Agosto o Ministro dos Negócios Estrangeiros concedeu uma importante conferência de Imprensa, durante a qual fez uma análise profunda sobre o problema da Índia.

Iniciando as suas considerações sobre a momentosa situação criada pela atitude da União Indiana, o Sr. Professor dr. Paulo Cunha referiu-se à anunciada marcha de «Voluntários» sobre Goa, marcada para o passado dia 15 de Agosto — data apresentada como dia mítico para a União Indiana por ser o dia da sua independência, — e acrescentou por que é que se evitou que a agressão prosseguisse.

A circunstância de essa iniciativa ter resultado no mais completo malogro oferece ilações significativas que muito convém acentuar.

Na verdade, foi a energia e a firmeza da gente portuguesa, e a manifestação de um sentimento nacional, unanimemente expresso, quando periga a integridade dos sagrados direitos de soberania portuguesa, que fizeram gorar a malévola agressão.

Tão alto se elevou esta justa reacção que por todo o Mundo se fez ouvir a voz da sua razão e a afirmação dos seus direitos levantando em toda a parte um caloroso movimento de apoio à defesa dos interesses portugueses e de louvor pela energia da atitude assumida por Portugal.

Mas, afinal porque nada se passou naquela data ou porque o que se passou, como demonstração levada a efeito por mercenários ou inconscientes, não teve a mínima relevância, não interessa menos considerar o que podia ter acontecido de realmente grave.

O estado de prevenção em que a atitude da União Indiana tinha colocado o Mundo inteiro sobre os acontecimentos anunciados para 15 de Agosto

foi iludido, mas persiste um perigo muito sério.

Pode-se criar em razão desse malogro o consenso internacional de que a ameaça — que tantas e tão justas reacções produziu — não existe, quando, na realidade, ela se mantém latente e apta a ser desencadeada no momento em que a comunidade das nações esteja desatenta.

Nas próprias declarações que Nehru fez, no mesmo dia 15, há indícios sérios de que, devotando o maior desprezo pela argumentação histórica, moral, jurídica e política de Portugal, a União Indiana persiste na ambição de anexar os territórios portugueses, aconselhando as nações do mundo inteiro a tomarem posição neste problema de colonialismo.

O Governo está, porém, atento a todas essas manobras que em caso algum marcarão ambições que vão contra todas as regras da Moral e do Direito Internacionais.

Na defesa dos seus direitos, Portugal não se alheia, porém de possibilidades de entendimento.

Continua na 4.ª página

António Luis

Em cura de águas, encontra-se nas termas de Monte Real o sr. António Luis, natural da Lameira Cimeira, freguesia de Vila Facaia.

O sr. António Luis, vindo recentemente de Lourenço Marques — Moçambique, onde é grande proprietário, está de visita à Metrópole depois de 16 anos de ausência de sua terra natal, onde permanecerá até ao fim do ano corrente.

Partiu para Africa ainda novo e na Colónia de Moçambique, à custa de trabalho honesto e penitente, aliado às suas qualidades de inteligência conseguiu angariar uma invejável situação económica, pelo que muito nos regozijamos.

Desejamos ao sr. António Luis uma estadia feliz em Portugal, ao mesmo tempo que lhe apresentamos os nossos cumprimentos de boas vindas.

O constante aumento populacional de Lisboa começa a preocupar todas as pessoas que se debruçam sobre os problemas nacionais, pela gravidade que representa a fuga do campo para a cidade e o abandono da Província pelas seduções da capital. Se fosse possível levar o serviço estatístico a especificar o número de pessoas que vivem em Lisboa e não nasceram em Lisboa e os motivos que as levaram a trocar a pacatez bucólica da aldeia ou campo e os ares puros da serra pelo inferno barulhento da capital, a atmosfera bafienta das mansardas esconsas, o ambiente pesado da fábrica, da oficina ou do escritório, não seria difícil obter uma resposta que andaria à volta desse conceito justo — a Província por falta de conforto e da justa recompensa de quem moureja, não prende os nativos, torna-se dura e desconfortável.

Se este conceito, que poderíamos aplicar a quase todos os centros rústicos e a alguns urbanos, tem sido a bandeira desfraldada por quantos, letrados ou analfabetos têm trocado o à-vontade da vida campesina pela etiqueta social da vida da cidade, teve razão de ser até aqui, parece que, num futuro próximo, não haverá motivos para o invocar ou defender.

E por quê? Porque os recursos que a electricidade proporciona às regiões que pretendam valorizar-se, começam a estar ao alcance de todos. Não podemos desligar o problema da electrificação nacional do problema da fixação da população rústica: são problemas interdependentes. Se os meios rurais vierem a ser electrificados, como tudo indica que o sejam, num futuro próximo, teremos ensejo de assistir a uma notável transformação da vida rural. E' a indústria, a higiene, o conforto, as necessidades caseiras, toda a laboriosa vida campestre que se transforma e melhora, tornando a vida menos dura, o trabalho mais suave, a existência mais agradável.

Evidentemente que o desenvolvimento industrial da pro-

víncia e as indispensáveis escolas técnicas e agrícolas hão-de prender os braços dos que hoje fogem para a cidade; o conforto, a higiene, a comodidade, por seu turno tornarão dispensável a sedução aliciante dos grandes centros, que hoje deslumbram e cegam tantas almas que supõem encontrar nos fulgores da cidade o paraíso, quando, às vezes, só toparam com abismos e desilusões.

Não vem longe a época em que o panorama demográfico de Portugal vai sofrer uma grande transformação, no sentido de se combater o urbanismo. Os trabalhos em curso das grandiosas obras de electrificação, as barragens do Zézere, Cávado, Rabagão e Sabor são de tal magnitude que não tardará muito que não vejamos uma torrente enorme de energia eléctrica, barata, acessível, inundando o país; por modo a que seja possível levá-la aos mais recuados e longínquos centros e beneficiar todas as classes sociais de Portugal, como sucede nos países que há cinquenta anos atrás estudaram e resolveram estes problemas — enquanto nós passávamos o tempo a brincar às revoluçõeszinhas...

Mas para que a revolução económica, por meio da energia eléctrica, seja um facto, é preciso que as autarquias locais vão amadurecendo a ideia de electrificarem as suas aldeias e as suas vilas, integradas num plano comum de interesse regional. Numa viragem como esta, precisamos de ter à frente das autarquias homens de visão larga, que compreendam o vasto alcance da revolução social que a electricidade pode operar em Portugal. Deles depende, em parte, o futuro de muitas gerações.

J. M. A.

Do Jornal «Novidades»

DO LUSO

Das termas do Luso, onde fez tratamento de águas, regressou a esta vila a sr.^a D. Isaura Ferreira Agria, acompanhada de sua Ex.^{ma} Filha sr.^a D. Maria Henriqueta Agria Teixeira Forte e Netinhos Maria Maria e Eugénio Alberto.

EXCURSAO

Com a maior animação e entusiasmo teve lugar a anunciada excursão à simpática região do Norte do País, nos dias 14, 15, 16 e 17, organizada pelo sr. José Henriques David. Da Caravana de Figueiró dos Vinhos, fizeram parte as pessoas mais populares desta vila que, além de outras se podem indicar, e sem dúvida, as mais entusiásticas. Os senhores: Adelino José e esposa, Sezinando da Conceição Loja e esposa, Artur Guimarães e esposa, António Paiva e esposa, Agnelo dos Reis e esposa, Manuel Martins, Custódio d'Água d'Alta, António Bispo e Bazuca, etc. Este último que ia para ficar na primeira paragem conseguiu aguentar-se até ao fim só com uma..., e nas Caldas de Monsão e quando estava fazendo um «negócio», que perdeu de vista, «ia perdendo o bonde».

Tudo correu com brio e na melhor ordem. O pior de tudo foram os almoços em Guimarães, que depois de se ter apreciado aquela encantadora terra, nos deixou desmoralizados. O nosso amigo Adelino José ficou a «estolar», nunca tendo dado parte de fraco e aguentou-se que nem um valente, e assim diz o ditado: «dos fracos não reza a história». O Bispo, que conseguiu arranjar umas «palhetas», estragou as pandeiretas do «Bazuca». Ficou todo arreliado porque queria levá-las para o Brasil, para reliquia... — Trata Bispo de lhe arranjar outras novas.

Os motoristas, rapazes hábeis e simpáticos, sempre prontos a atenderem os componentes da caravana, cumpriram bem o seu dever.

A caravana de Castanheira de Pera, composta também por hábeis rapazes na sua maioria de operários, soube apreciar as belas e encantadoras paisagens do Norte do País, mas desanimada com a sua bicicleta, perdeu o equilíbrio e chegou à meta com quatro horas de atraso.

Para o ano se fará nova visita ao Norte do País. Quem pretender pode desde já inscrever-se podendo pagar a sua viagem da forma que entender, desde que a sua cota não seja inferior a cinco escudos por semana. As condições serão as mesmas.

Casamento

Realizou-se no dia 17 de Julho p. p. na Catedral da Beira A. O. P. o enlace matrimonial do sr. Armindo da Conceição Coelho, de 26 anos de idade, encarregado de Construção civil, filho de Manuel Coelho e de Maria da Conceição Coelho, natural de Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, com a menina Maria Alice da Rocha, também de 26 anos de idade, doméstica, filha de José Joaquim da Rocha e de Angélica da Rocha Barbosa, natural de Penafiel. Foram padrinhos, por parte do noivo, António de Sousa Lobo, Engenheiro e sua esposa, D. Maria Leonor de Almeida da Rocha Sousa Lobo, licenciada em Farmácia e Professora; e por parte da noiva, António Joaquim da Rocha, Gerente Comercial, e sua esposa, D. Maria Luíza D. Tavares da Rocha, Professora.

A Regeneração, endereço aos noivos as suas felicitações.

UM CONTO...
de 150 contos...

Continuação da 4.ª pagina

Simpreira. Agora, pensava o Santos ir procurá-lo, pôr as coisas a limpo... Não estava disposto a esperar e, se necessário fosse, recorreria à judiciária...

Para o efeito, foi procurar o Simpreira. Este, como sempre, destez se em mil justificações e desculpas... Mas o Santos é que nele já não acreditava; estava cansado de lhe ouvir sempre a mesma história. E, abertamente, respondeu-lhe, desta vez.

— Já me aborreces com tanta desculpa e não passas delas! Paga mas é o resto que me deves, e acaba-se de vez com isto.

— Mas escuta, Santos, que eu te conto! — atalhou logo o Simpreira. Não é nada disso que pensas. O dinheiro está certo, não ficas sem ele...

— Tretas! Farto estou eu de te ouvir dizer isso — respondeu o Santos, já muito agastado.

— Tretas, não! Ainda te não neguei os 68 contos e meio, que te devo.

— Mas eu é que me não governo com ele na tua mão! E' assim, à minha custa e à de outros, que tens arranjado dinheiro e comprado prédios...

— Isso, agora, já é inveja da tua parte!

— Enganas-te! Não invejo a situação, sorte ou haveres das caras sem vergonha que vivem à custa do suor alheio. Antes queria não ter nada e bastar-me a ser o que sou, mas que tu nunca serás capaz de ser: honesto. Para isto, terias de devolver tudo aos donos. Eu não devo nada e nem engano ninguém; o que tenho foi ganho lícitamente e não a meter as mãos nas algebras alheias, etc., pecebes! — Ora, tu estás há anos a governar-te, abusivamente, à custa do meu suor: do meu rico dinheiro! E tens a certeza disto, não tens!...

— Por que dizes isso? — indagou o Simpreira com ar irritado.

— Eu te explico! A Maria já se foi deste vale de lágrima, há cinco anos. Foi ela quem te passou os 150 contos, para a mão. Com eles, e como se fossem coisa tua, tens abusado da minha paciência e boa fé, negociando e ganho dinheiro à minha custa, pois ainda me deves 68 contos e meio, e nem sequer falas nos juros de cinco anos, que te não perdoos. Apre!!! Já é tempo de me pagares. Que se tenha o hábito de um pequeno atraso, está bem; mas, figas! — o de ser caloteiro, vigarista... ladrão!...

Manuel Simões de Abreu

Quando no número 857 deste Jornal demos a notícia do falecimento de Manuel Simões de Abreu, que foi desta vila, por lapso referimos que o falecido era pai dos srs. Serafim Simões de Abreu e José Simões de Abreu, quando é certo que é pai deste último e irmão do primeiro.

Com as nossas desculpas assim rectificamos o equívoco.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

De Chão de Couce DE ARECA

Foi com grande satisfação que a população da freguesia recebeu a notícia de que vão iniciar-se dentro em breve as obras de reparação da estrada municipal, que liga a Ponte do Freixo com esta vila.

Trata-se, na verdade de uma obra de absoluta necessidade, dado o estado intransitável, em que se encontra a estrada.

Dr. Artur Agria

Depois de uma doença que o reteve no leito durante alguns dias, já se encontra em vias de completo restabelecimento o nosso prezado Amigo sr. dr. Artur Agria, desta vila, com o que muito nos congratulamos.

Augusto Gomes da Costa

De visita a seus pais, esteve nesta vila durante algum tempo, tendo já regressado a Lisboa onde é importante comerciante este nosso prezado amigo e assinante que se fazia acompanhar de sua Ex.ª Esposa.

Nascimento

No Instituto Maternal de Coimbra deu à luz uma robusta criança do sexo feminino no passado dia 25 de Agosto a sr.ª D. Orlanda Varandas Rosa Quaresma dedicada esposa do nosso prezado amigo sr. Joaquim da Silva Quaresma, comerciante de Lanifícios nesta vila.

Felicitemos os pais, e desejamos ao neófito um futuro risonho repleto das maiores feiçididades.

Festa de Nossa Senhora da Guia na Vila de Avelar

Vão ter lugar nos dias 3, 4 e 5 do corrente, os tradicionais festejos em honra de Nossa Senhora da Guia, na vila de Avelar. Pelo programa destes festejos se vê que eles atingirão no corrente ano o britho e animação, que lhe são peculiares.

Agradecimento

Maria José Simões da Silva

Seus pais, Luís Mendes da Silva e Maria Amélia Simões Telhada, vem por este meio agradecer muito penhoradamente a todas as pessoas que tiveram a gentileza de se interessarem pelo seu estado de saúde durante o tempo em que esteve retida no leito em consequência do lamentável desastre que lhe ia sendo fatal.

Ex.mos Senhores!
a vida está má!

Quereis ser bem servidos? Ide jantar ou almoçar ao (70) ao fundo da Vila, aquele que melhor serve.

Não confundir

Recebe comensais em boas condições

Figueiró dos Vinhos

Casa de Pasto do 70

Madrinha de Guerra

Júlio Neves que se encontra a bordo do N. R. P. Bartolomeu Dias, em terras da Índia Portuguesa, deseja corresponder-se com Madrinha de Guerra.

Nesta Redacção se dão as necessárias informações.

Em Figueiró toda a gente canta

Tripas c/ belo feijão, Pinga de caixão à cova, Bacalhau à João do Grão, Só na Casa Terranova.

Comidinha à Portuguesa, Toda a gente quer e prova, Bons petiscos, boa mesa, Só na Casa Terranova.

Assinai "A Regeneração"

Férias
Em gozo de férias bem merecidas, estiveram nesta freguesia as Ex.ªs sr.ªs DD. Ilídia de Jesus Luiz, e Lucília de Jesus Luiz escriturárias da S. C. de M. Lisboa.

Domingos B. Teixeira

Também se encontra em gozo de férias nesta freguesia o Ex.º sr. Domingos Borges Teixeira que se faz acompanhar de sua esposa D. Alda Conceição Bernardino.

Desejamos-lhe que tenham óptimas férias.

Aniversário

Completo mais um aniversário no passado dia 27 do transacto mês a menina A.élia do Carmo Graça, digna modista nesta terra, irmã do nosso assinante em Lisboa Manuel do Carmo Graça.

Companhia de Seguros COMERCIO E INDUSTRIA
Sede em Lisboa — R. dos Sapateiros, 33
Capital e Fundos de Reserva — 47 mil contos
Sinistros pagos — 122 mil contos
Seguros em todos os Ramos
Agente em — Figueiró dos Vinhos
JOÃO GODINHO ROCHA

Auto-Reparadora Figueiroense de José Telhada de Assunção

Devidamente apetrechada com Soldadura a Autogénio e Electrogénio, encarrega-se de todas as reparações em Autos ligeiros ou pesados, com a maior perfeição e a preços módicos.

Serviço Permanente

Possui para venda Motores para Regas e para Serviços Industriais, das melhores marcas e a preços os mais acessíveis.

R. MAJOR NEUTEL DE ABREU TEL. 53

JOSÉ DA SILVA NEVES

Encadernador — Dourador

Venda Nova - Tomar

Executa com perfeição rapidez e bom gosto todos os trabalhos respeitantes à sua arte

Orçamentos Grátis

Dirija-se para todos os esclarecimentos à TIPOGRAFIA FIGUEIROENSE

Figueiró dos Vinhos

TIERRABELA-HOTEL

Um dos melhores da Província

Instalações Modernas

óptimos serviços de:

Bar-Café-Restaurante

Serviços de

Casamentos

e Baptizados

Preços especiais

BILHARES

Figueiró dos Vinhos

DÁQUEM TREVIM

Santa Casa da Misericórdia

Hospital Visconde de Nova Granada

O novo Hospital de Castanheira de Pera, para substituir o actual, vai ser uma realidade! A Mesa da Santa Casa da Misericórdia, reunida em sessão extraordinária, deliberou pôr em arrematação a construção do novo hospital sub regional, cujo projecto já se encontra em seu poder.

Por outro lado, sabemos que a Comissão Executiva Pró Hospital Visconde de Nova Granada, que é presidida pelo nosso illustre conterrâneo Senhor Professor Doutor Bissaya Barreto, tem continuado com os seus trabalhos tendentes a ultimar as negociações com os proprietários dos terrenos e isto de maneira a que não haja perdas de tempo e tudo se possa encaminhar para que as obras tenham início o mais breve possível. Como há prazos a respeitar, há tempo ainda do milho que ora se encontra nos terrenos, se crie.

Por outro lado, a Comissão Central Pró-Hospital Visconde de Nova Granada, vai começar a sua acção no sentido de conseguir fundos para ajuda da construção, apetrechamento e instalação do novo Hospital, o qual virá permitir a que nesta vila se possam fazer quaisquer operações.

Parece-nos que dado o fim altruista que o novo hospital virá desempenhar no concelho de Castanheira de Pera, não haverá castanhenses ou amigos de Castanheira de Pera que deixem de concorrer com qualquer óbulo para tão humanitário fim. Nisso confia a Comissão Central que vai enviar a todos uma circular cujo teor é o seguinte:

«Ex.º Senhor

A construção do novo Hospital Visconde de Nova Granada, é uma realidade! Desnecessário se nos afigura encarecer o valor desta grandiosa obra de assistência que vem preencher uma lacuna, sentida por todos nós, que deprimia e teria os nobres sentimentos dos bons castanhenses.

De entre os Hospitais desta vasta região o de Castanheira de Pera, marcou lugar de destaque.

Porém, com o decorrer do tempo, tornou-se deficiente e impróprio para poder desempenhar a função que o momento presente impõe. Por esta razão vimos apelar para V. Ex.º mais

uma vez, confiados no seu bom acolhimento, para que se digne concorrer com o seu óbulo para a Construção, Apetrechamento e Instalação do Hospital Visconde de Nova Granada, que contribuirá indiscutivelmente para a solução do problema assistencial deste concelho e reafirmará o espírito generoso e altruista de todos os Filhos e Amigos de Castanheira de Pera.

Obra notável e de largo alcance social bem merece o carinho e simpatia de V. Ex.º e a sua realização esforçada exige de todos nós um pouco de sacrifício e grande boa vontade. Não duvidamos que o apelo ora dirigido toque o coração generoso e bem compreendido de V. Ex.º e, assim, agradeçamos desde já qualquer donativo, que poderá ser enviado à Comissão Central, à Comissão Executiva ou à Santa Casa da Misericórdia de Castanheira de Pera.

Castanheira de Pera, 15 de Julho de 1954.

A Comissão Central

Dr. José Fernandes de Carvalho.

Dr. Marcolino da Silva.
Artur Coelho Antunes (Tio)
Padre José H. do Nascimento.

Adelino Luís Caetano.
João Simões Coutinho.
Íldio José Coelho.
José Correia de Carvalho.
José Francisco Dinis.
Padre Arménio Marques.
Joaquim Ferreira.
Armando Coelho Tomaz.
Eduardo Silva

A Comissão Executiva

Doutor Fernando Bissaya Barreto Rosa,

Dr. Ernesto Marreca David
Eng.º Virgílio Tomaz Henriques.

Manuel Alves Ceppas.

Incêndio

Houve um incêndio num forno, propriedade de José Alves de Almeida, tendo ardido completamente. Os Bombeiros desta vila compareceram prontamente e isso evitou que o fogo se propagasse a uma casa de residência do Chefe da Caixa G. Depósitos desta vila.

BARRAGEM DO CABRIL

Foi inaugurada a Barragem do Cabril! Obra importante dentro do plano de aproveitamentos electricos há muito estabelecido e, portanto, obra digna de ser apreciada por todos os portugueses que o possam fazer e que com as do Castelo do Bode e Bouça, completam um grande empreendimento.

Todavia nem sómente as barragens são úteis à economia da Nação e para as podermos apreciar, torna-se indispensável que tenhamos boas estradas. Olhou para as barragens, ou melhor olhou se para a Barragem do Cabril cuja inauguração se promoveu, mas não se teve em vista o problema das estradas para lá chegar. Para aqueles que vivem do lado de lá do Zézere, no distrito de Castelo Branco o problema está resolvido, porém para os de cá, não. Primeiramente a própria ligação da vila de Pedrógão Grande com a barragem, a umas escassas centenas de metros, não está feita!!! Parece impossível mas é uma realidade e não compreendemos como foi possível chegar à altura da inauguração da barragem e não ter sido feita esta obra. Assim, quem quiz assistir ao acto, teve de ir dar uma volta de algumas dezenas de quilómetros e os povos do lado de cá do rio se alguma coisa quiseram ver, tiveram de ir a pé por matose e fragas!

Mas não sómente a estrada de ligação da vila de Pedrógão com a Barragem merece reparo. As estradas que passarão a ser utilizadas com maior frequência para a visitar, também devem merecer a atenção do sr. Ministro das Obras Públicas e estas são especialmente: a da Lousã-Castanheira-Pedrógão e a de Pedrógão Grande-Figueiró dos Vinhos. A primeira principalmente merecia uma reparação geral e alcatroamento até Pedrógão Grande. Mas enquanto se não puder ver tudo de uma vez, convinha cuidar do mais necessitado.

EXCURSÕES

E' esta vila visitada frequentemente por excursões, na sua maior parte vindas de Lisboa e algumas até propositadamente a esta vila com o fim de apreciar a Casa da Criança Rainha D. Leonor e muito especialmente o seu jardim já com foros de ser único no país. Há pouco ainda o illustre Presidente da Junta de Provincia da Beira Litoral, nosso conterrâneo Senhor Prof. Doutor Bissaya Barreto, determinou que haja entrada franca a todas as excursões que visitem esta vila e desta maneira todas tem aproveitado essa concessão que lhes permite apreciar a grande obra de assistência representada pelas Casas da Criança, já largamente espalhadas pelo País.

PROPRIEDADE em SOUPOS (VILA DO PAÇO)

Casa de habitação, grande armazém de vinhos com depósitos de cimento, alambique, cisterna, acomodações para gado cavalari, bovino e lanífero, coelheiras, capoeiras, jardim, quintal com árvores, estremeiras, etc.

Anexo propriedade, bom poço com nora, figueiras, oliveiras e árvores de fruto e bom terreno.

Mais propriedades rústicas. Bons meios de comunicação, distância 12 quilómetros de Torres Novas e Tomar, 10 do Entroncamento, 5 de Paialvo e 3 de Lamarosa.

8-8

Trata - Francisco Pereira

ARGUS

A bicicleta ideal para viagem — Leve, Resistente e Garantida

Vende em Figueiró dos Vinhos:

Marcolino H. Lucina

Pneus e acessórios em grande sortido

CARREIRA DIARIA DE PASSAGEIROS

BOLO-LISBOA

Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Pontão, Cabaços, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Lisboa

concessionário: **Manuel Simões Barreiros & Irmão, L. da**

Sede - FIGUEIRO DOS VINHOS - Telefone 42

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
BOLO	—	6,00	LISBOA	—	9,00
Castanheira de Pera	6,20	6,15	Sacavém	9,25	9,25
Figueiró dos Vinhos	6,55	7,05	Vila Franca de Xira	10,05	10,10
Pontão	7,40	7,45	Carregado	10,26	10,25
Cabaços	8,10	8,15	Azambuja	10,45	10,45
Tomar	9,05	9,20	Cartaxo	11,10	11,15
Entroncamento	10,00	10,05	Santarém	11,45	12,05
Torres Novas	10,20	10,25	Pernes	12,45	12,45
Pernes	11,00	11,00	Torres Novas	13,20	13,25
Santarém	11,40	12,00	Entroncamento	13,40	13,40
Cartaxo	12,30	12,35	Tomar	14,20	14,30
Azambuja	13,00	13,00	Cabaços	15,20	15,25
Carregado	13,20	13,20	Pontão	15,50	15,55
Vila Franca de Xira	13,35	13,40	Figueiró dos Vinhos	16,30	16,40
Sacavém	14,20	14,20	Castanheira de Pera	17,20	17,25
LISBOA	14,45	—	BOLO	17,35	—

Efectua-se diariamente

Efectua-se diariamente

Carreira entre Bolo e Coentral

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Coentral	—	5,40	Bolo	—	17,50
Bolo	5,55	—	Coentral	18,05	—

Efectua-se às sextas feiras

Efectua-se às quintas feiras

Carreira entre Campelo e Figueiró dos Vinhos

	Cheg.	Part.		Cheg.	Part.
Campelo	—	5,20	Figueiró dos Vinhos	—	17,00
Ponte Fundeiro	5,30	5,31	Barraca da B. Vista	17,10	17,10
Aldeia Fundeira	5,40	5,42	Várzea	17,16	17,17
Vilas de Pedro	5,47	5,48	Vila Facaia	17,22	17,24
Alto da Alagoa	5,58	5,58	Moleiros	17,27	17,27
Moleiros	6,03	6,03	Alto da Alagoa	17,32	17,32
Vila Facaia	6,06	6,08	Vilas de Pedro	17,42	17,43
Várzea	6,13	6,14	Aldeia Fundeira	17,48	17,50
Barraca da B. Vista	6,20	6,20	Ponte Fundeiro	17,59	18,00
Figueiró dos Vinhos	6,30	—	Campelo	18,10	—

Efectuam-se às 4.ª feiras e sábados

Estacionamentos | Campelo - Largo José Ferreira de Amara (L. da Igreja)
F. dos Vinhos - R. Dr. Manuel Simões Barreiros
Garagem em Lisboa - Auto Liz - Rua da Palma N.º 263 - Tel. 21366

Vende-se

50

Uma casa de habitação, com terra de sementeira, mato e pinheiros, à beira da Estrada Nacional, junto da Fábrica de Serração da Firma Manuel Lopes & Filhos.

Quem pretender dirija-se a Laurentino Francisco dos Santos ou à Redacção deste Jornal.

E' o número do Telefone da fábrica do Pão de Ló de Santo António dos Milagres em

Figueiró dos Vinhos

Anunciai neste Jornal



CAMPELO...

Reminiscências de há 30 anos

(Continuação do n.º 859)

A' sombra desta cerejeira, de raro porte e beleza, se sentavam, nas prolongadas tardes do Estio, as pessoas do lugar a quem as suas ocupações o permitiam, sempre desejosas de ouvir o saudoso José Mateus, o qual assiduamente, passava em revista os acontecimentos locais comentando e impregnando os de bom humor e acentuado sabor cáustico... além do que as sucessivas viagens, quando ainda válido, ao Algarve, prodigalizaram-lhe uma inesgotável bagagem de anedotas com as quais divertia «miúdos e graúdos». Era uma popular figura dos nossos tempos e a sua morte trouxe profundo pesar a todos quantos dele recebiam ensinamentos.

Entrando, propriamente, no lugar de ampelinho, nossa terra natal, encontramos à esquerda o casarão da «tia» Arinta, outra figura típica; ignorava a sua idade e no seu dizer, tinha muito mais de 100 anos, pois andara com os pais dos vizinhos mais velhos do lugar, ao colo; usava, durante todo o ano, chapéu à campino e avental, sob o qual escondia uma volumosa algibeira, sempre recheada de «surpresas» para os «cachopos», a quem, dessa forma conquistava com o fim de deles obter serviços de vária ordem, e até, também, para os manter em respeito, não fossem eles disputar-lhe a primazia na apanha das cerejas da Fonte, das maçãs da Serrada ou dos figos do Palhão, poupando-a, assim, a incómodos impróprios para «mulher centenária... mas rija».

Em frente e à direita é a casa do João António, marido da Itelvina; foi comprada ao Emídio da Ponte e possui 1.º, varandas e primeiro andar; contíguo, há um pequeno largo, parcialmente coberto por uma parreira e, depois, a casa do «tio» José Mateus hoje na posse dos herdeiros, se bem que a viúva — a «tia» Delfina ainda seja viva; tiveram 3 filhos; destes, o mais velho, o Manuel, depois de, por terras distantes, ter experimentado as agruras da vida, pediu ao pai que o deixasse estudar; foi então, para Coimbra, onde tirou o 5.º ano dos liceus; algumas explicações de aritmética deu a quem estas linhas escreve; é actualmente sub-inspector de finanças.

Prosseguindo encontramos à esquerda, a casa da «tia de Função», adquirida pelo Agria, e à direita, do João Carvalho, recentemente reconstruída, marido da Palmira; tiveram 5 filhos e, destes, o Manuel pertence aos quadros do Exército, o José é funcionário do Ministério das Finanças e a Dízilida do das Comunica-

ções; frente a esta e do lado esquerdo da rua temos: — a casa da «velha Saca», em ruínas, que servia de esconderijo aos rapazes depois de alguma «partida», o palheiro da Itelvina, sombreado por uma extensa parreira, e a casa do Agria, espaçosa mas térrea e que nos faz recordar e contar um episódio desses tempos: — encostado à empena do lado sul desta casa havia um curral, pertencente à Laura dos Santos, o qual, por o chão ficar uns 2 metros abaixo do nível da rua, tinha a cobertura quase no mesmo plano do telhado do vizinho — o Agria — e de tal forma que era fácil subir da rua para o telhado ou descer do telhado para a rua, utilizando a cobertura do curral como degrau.

Ora sucedeu que, numa daquelas noites em que o silêncio somente é quebrado pelo pio dos mochos ou chilrear das corujas, o povo do lugar foi acordado por um som estranho e macabro, vindo das proximidades; todos se aperceberam de que alguma coisa de anormal se passava sobre os telhados onde, com os tempos, algumas ervas nasceram, mas ninguém expunha a cabeça fora das janelas. A cena repetiu-se várias vezes e, por não haver explicação conhecida, o bom e ingénio povo da terra, sempre crédulo em excesso e sugestível em demasia, começou a atribuir o fenómeno a bruxas, almas do outro mundo e outras em que é fértil a imaginação popular. O caso atingiu tais proporções que os mais prudentes se iam amedrontando e não safam de noite.

Um que aparentemente, nunca se deu por convencido, teve a ideia, que materializou, de levar para o quarto de dormir uma escada para com o seu auxílio melhor observar o que viesse a passar-se no exterior; pôs o ouvido à escuta e pelas 2 horas da madrugada começou a «dançar»; subiu pois pela escada, encostou a testa à telha de vidro e espreitou para fora; mas, «horribile visu» teve como prémio da sua irreverência, nada mais e nada menos que a seguinte visão: — colada à telha estava, espreitando para dentro, uma enorme cabeça de animal bíblico, língua pendente de cansaço, olhos cíclopícos, enormes chifres e respeitável pera, fantasma, sem dúvida, atraído pela claridade espargida dentro do quarto pela candeia que um nervosismo teimoso fizera esquecer.

Não sabemos o que perpassou pela mente do surpreendido vidente mas é de supor que dispensasse a escada para descer...

Entretanto, ouviram-se gritos

Lição de Significado
MUNDIAL

(Continuação da 1.ª página)

Para além do seu objetivo imediato veio também esta conferência de Imprensa reflectir a actuação de um Governo que como afirmou o sr. Presidente do Conselho — «tem lançado incansavelmente mão de todos os meios — políticos, diplomáticos, militares — de que pode dispor, sem arredar da prudência que as circunstâncias lhe impõem e da linha de dignidade exigida pela justiça da causa e pelo carácter sagrado do nosso direito».

Assim, ao acentuar que a União Indiana tinha dado a conhecer que estava na disposição de chegar a acordo com Portugal, através de negociações que manifestamente não podem abranger aquilo que por sua natureza se não negocia, o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros fez referência às notas diplomáticas que sucessivamente se têm trocado entre Lisboa e Nova Delhí, afirmando que apesar de tudo estamos na disposição de orientar as negociações no sentido de se conseguirem resultados satisfatórios.

Ficou ainda acentuado que sobre as questões relacionadas com a boa vizinhança dos dois Estados se espera que se chegue, em pouco tempo a acordo, não se discutindo, porém, nada que se relacione com os nossos direitos de soberania, sagrados e intangíveis, nem com a situação interna e a ordem jurídica que deles derivam.

Portugal deu já um grande exemplo e, como salientou nessa conferência o Sr. Professor Dr. Paulo Cunha: «O que acaba de se passar na Índia encerra uma lição para o Mundo».

Ficou provado que uma atitude de firmeza, tomada a tempo por um País que defende os direitos, acompanhada por um movimento de reprovação internacional, pode deter a agressão. Assim, a lição a que me refiro reveste-se de um valor e de um significado mundiais.

... por ninguém ouvidos... tal o pavor que se tinha apoderado de todos... e tudo continuou na mesma. Porém certa noite de indiscreto luar, o mistério foi desvendado com justificado alívio...

... era a «vizinha» e «rainha» do curral pegado à casa do Agria. — a corpulenta cabra da Laura, que quando as exigências estomacais lho determinavam, procurava obter de noite, sem qualquer cerimónia, aquilo que, pelos vistos, a dona se esquecia, frequentemente, de lhe dar durante o dia...

(Continua)

José Manuel

UM CONTO...

De 150 contos...

Por Akhenaton

O Santos era ainda bastante novo, quando deixou a família. Rapaz trabalhador, honesto e bem comportado, facilmente conseguiu emprego e conquistou a simpatia dos patrões.

Certo dia, em que já era mais espigadote, pensou estabelecer-se pois desgostava-o aquela vida que estava a levar, de ganhar só para os outros; a coisa assim não ia bem: havia de ser patrão, trabalhar para si.

Na verdade, isso veio a suceder; tinha vinte e tantos anos, arranjou uma loja de comércio. O pecúlio amealhado, a confiança que nele depositavam e a ajuda generosa de alguns amigos deram-lhe a possibilidade de deixar apenas de ser empregado. Começara, pois, a realidade do seu sonho. Era, finalmente, patrão e ganharia só para ele. Sabia que o negócio pobre a que se dedicava não lhe daria, porém, para pagar a um empregado. Todavia, nada se importava com isso; estava disposto a trabalhar e a fazer casa...

Tudo corria bem e depressa o Santos consolidou a sua situação como comerciante. Conseguira já pagar o que devera e tanto clientela como fornecedores gostavam muito dele e consideravam-no.

O çava agora pelos trinta e poucos anos. Com a vida assente, organizada, lembrou-se de que faria bem casar-se. Precisava de alguém que cuidasse dele e o ajudasse na loja; a clientela era bastante, e às vezes já nem chegava para a aviar; e, depois não tinha ali ninguém dele. E' certo que não lhe faltava gente amiga mas nem por isso deixavam de ser estranhos...

Casou e bom passo deu. A Maria fez a felicidade de ambos. O Santos não se cansava de a insensar e elogiar a todas as pessoas das relações dele; a própria clientela preferia ser aviada por ela e, com isto, o Santos rejubilava de satisfação e encantamento, pois, além do mais, encontrara um esposa boa e dedicada, que não sabia só cuidar dela, mas também dele e dos seus haveres.

Agora o negócio dava alguma coisa e seguia bem. Tinha mesmo amealhado alguns pataquitos bem bons, e comprado uma pequena quinta próximo do Zézere, em Ferreira; também nessa altura já lhes tinha nascido um re-

bento, que viera aumentar, ainda mais a felicidade dos dois.

Emfim. O casal era feliz e amigável. O negócio continuava a dar e o Santos resolveu pôr a render uns patacos mais, que já lhe não faziam falta na loja. Falou nisso a Maria, e ambos pensaram onde havia de colocar o dinheiro, para que rendesse... A partir desta altura, começou verdadeiramente, a história dos 150 contos.

Em Lisboa, talvez se conseguisse isso — pensaram ambos. Para mais, o Santos conhecia lá o Simpreira, que mais de uma vez lhe contara que nas hipotecas é que se colocava bem o dinheiro; que isso era negócio rendoso; nada de dois ou três por cento, mas oito, dez, quinze e mais...

Desejoso de ver o seu a valer alguma coisa, mas sem mira na ganância e sem ser mesmo capaz de receber um juro não permitido por Lei, o Santos resolveu-se a entregar 150 contos ao Simpreira, para que este então os colocasse numa hipoteca. Combinaram, e foi a Maria quem os levou numa altura em que teve de ir a Lisboa. Ali os entregou ao Simpreira sem exigir a este qualquer papel ou simples documento... Tanto ela como o Santos supunham-no honesto, para mais que até era de um serviço da câmara. Por seu lado, a Maria, boa aldeã, não duvidava fosse de quem fosse e fez a entrega da massa... conforme o marido lhe dissera. Para o casal, educado numa vida honesta, a palavra dada também valia... Mas aconteceu depois o pior...

Passou-se tempo e nem hipoteca nem os 150 contos. Perguntado, o Simpreira apressou-se logo a dizer que estivesse descansado: a hipoteca estava feita em nome de um amigo seu, visto não poder ser no dele próprio; mas tudo se arranjará: ele — Simpreira — ficaria devedor da importância e passaria um documento.

O documento, porém, nunca mais veio. E o Santos logo pensou que haveria «negócio escuro». A demora em conseguir o documento ou o dinheiro, isso mesmo denunciava. De mais a mais, já estava cansado de isso pedir e só desculpas e mistificações ouvia sempre da boca do

(Continua na 2.ª página)

Alberto António Cardo

Depois de ter concluído o seu curso liceal com a elevada classificação de 18 valores, prestou provas e foi aprovado no exame de aptidão à Faculdade de Engenharia do nosso querido amigo e assinante, sr. Alberto António Cardo, sobrinho do nosso querido Editor, sr. Dr. Alberto Teixeira Forte.

Muito sinceramente apresentamos ao brioso académico as nossas felicitações.

Domingos Barros

Nas terras de Monte Real encontra-se em tratamento de águas o sr. Domingos Barros desta vila. Acompanha-o Sua Ex.ma Esposa.

Novos alunos do Liceu

Prestaram provas, nos Liceus de Coimbra, com bom aproveitamento os seguintes alunos desta vila:

Marta Maria Ferreira Agria Forte, Isolina Prior Ladeira, Maria Amélia Medeiros, Isabel da Conceição Lacerda Faria, Maria dos Prazeres Martins Mendes, Luís Quaresma Ferreira Tranco, António Lacerda Faria, Duarte de Almeida Assunção e Ilídio Brogueira dos Santos Agria.

A todos e a seus queridos pais apresentamos sinceras felicitações com votos de uma vida liceal coroada dos melhores resultados.